

GERAL

ÍNDIOS

O aviso para os brancos

Comitê intertribal brasileiro quer reunir 600 indígenas do planeta e levar suas reivindicações para os líderes presentes na Conferência



Há quem pense que tudo não passa de um circo para cara-pálida assistir. "Não devemos ir dançar no Rio para sermos usados pelo governo", ataca o cacique Amilton

Guarany, da aldeia Pirakua, Mato Grosso do Sul. Mas o cacique Marcos Terena defende: é preciso ter índios especializados em branco, da mesma forma que há antropólogos e indigenistas. Para ele, a Carta da Terra, assinada na Conferência Mundial dos Povos Indígenas — e que deverá ser lida na abertura da Conferência Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92 —, servirá para mostrar ao mundo que "o índio brasileiro está vivendo e morrendo na miséria, expulso de suas terras" — exatamente como quer Guarany.

É para isso que está sendo montada a Kari-Oca — que, em tupi-guarani, significa, ironicamente, "Casa de Branco". Num terreno de aproximadamente 4 mil metros quadrados de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio, uma oca gigantesca feita de madeira e coberta de sapé pretende acolher, em reuniões que terão lugar entre 25 e 30 de maio, 600 índios de 80 tribos das Américas, da Comunidade de Estados Independentes, da Groenlândia, da Escandinávia, da Ásia, da África e da Oceania. Quem não for cacique será acomodado nas duas outras ocas que estão sendo construídas em Jacarepa-



DIA DO ÍNDIO
Uma visão das danças do Alto Xingu em pleno Jacarepaguá para quem visitou...

guá: o terreno já foi sacramentado, exatamente como acontece na instalação de qualquer outra aldeia. "Queremos fazer um balanço do que significou, ao longo dos séculos, a influência branca na vida indígena", diz Marcos Terena, coordenador do Comitê Intertribal 500 Anos de Resistência, que organiza o evento. A comemoração, neste ano, de cinco séculos do Descobrimento da América é um convite a que as discussões avancem até as relações entre os povos indígenas e os governos brancos constituídos, "desde o papel das missões religiosas em contato com as tribos até os investimentos de bancos internacionais na questão da terra".

Tecnologia indígena - Os debates só terão início depois de uma cerimônia espiritual de conagração entre os presentes.

História indígena: um lento (e seguro) extermínio

Segundo estimativas da Funai, havia no século 16, quando os portugueses aqui aportaram, algo em torno de 5 milhões de índios, de 900 povos diferentes. Hoje, o número caiu para 250 mil índios em todo o território nacional, de 180 povos, que falam 160 dialetos. O maior grupo é o dos ticunas, de 25 mil índios, que vivem na região do Amazonas, na fronteira com a Colômbia. A Funai estima que há ainda 77 grupos indígenas que continuam isolados no Pará, Roraima, Maranhão e Amazônia. As principais causas da extinção de tribos inteiras no Brasil foram a colonização portuguesa e o crescimento das cidades, além da ocupação do campo pelos

homens brancos. No século 16, no contato direto com os portugueses, que levaram doenças para as tribos, desapareceram todos os grupos de tupinambás e tamoios, no Rio de Janeiro. Entre os séculos 17 e 19, foram extintos os akroa, de Goiás, que formavam, junto com os xavantes, xerentes e xacriabas, o grupo kwen. No início do século foram extintos os caiapós de Pau D'Arco, do Pará, os carajais, de Mato Grosso, os timbiras, do Maranhão e Tocantins, e os otixavantes, que viviam a oeste de São Paulo. Entre as décadas de 40 e 50, sumiram os xetas, do Paraná.

A ONU decretou 1993 como o Ano Internacional do Índio. Em outubro desse ano, por

A aldeia Kari-Oca

gões carentes, de índios ou de outros povos", diz Terena. Mas o ponto-chave que orientará todas as discussões será, segundo ele, a questão da terra: a expulsão dos índios de áreas que ocupam desde tempos imemoriais, a devastação dessas áreas e a necessidade de preservá-las e demarcá-las. "Os índios estão sofrendo constantes agressões", denuncia o cacique. "Várias tribos estão ameaçadas de extinção por causa da grilagem ou simplesmente da tomada de suas terras." A poucas semanas da data da Conferência, no entanto, o Comitê Intertribal ainda não tem mais do que US\$ 85 mil dos US\$ 400 mil necessários para finalizar as instalações e hospedar os convidados. Terena, porém, se diz confiante quanto à promessa do governo holandês de financiar essa quantia, com recursos que seriam repassa-



KARI-OCA
Índios trabalham na construção, mas ainda falta dinheiro

ternacional para gerenciar recursos a serem aplicados em experiências de desenvolvimento sustentado. "Com a aplicação correta dos recursos deste fundo, essa experiência pode evoluir e ser levada a re-

dos pela ONU. O resto do dinheiro foi dado pelo governo canadense. Ele esclarece o suposto pedido de ajuda aos banqueiros do jogo do bicho, feito há alguns dias por Álvaro Tucano, coordenador das nações indígenas do Alto Rio Negro, no Amazonas. "Tudo não passou de uma brincadeira. O Álvaro quis dizer que os bicheiros são mais corretos no cumprimento de suas promessas", argumenta, referindo-se ao compromisso assumido — e não cumprido — pelo GTN (Grupo de Trabalho Nacional, do governo brasileiro) sobre ajuda na construção da Kari-Oca. Nos três dias que precedem o início dos trabalhos, a aldeia estará aberta à visitação pública. Como no Dia do Índio, 19 de abril, quando várias tribos de brancos foram lá ver show de índio e comprar bugigangas por uma bagatela. • Inês Castilho e José Messias Xavier



MARCOS TERENA
Índios especializados em branco

A terra em conflito

No mesmo momento em que, no mundo inteiro, fala-se da importância de preservar a diversidade de espécies vegetais e animais — a biodiversidade — e os inúmeros grupos culturais existentes no planeta — a sociodiversidade —, os índios brasileiros vivem sob constante ameaça de extinção. Além das agressões sofridas pelos índios em suas terras, Marcos Terena denuncia a carência dos postos de saúde existentes nas reservas, que estão até mesmo sem remédios por falta de verbas. Em situação crítica por causa da expulsão de suas terras, encontram-se, segundo Terena, os caiúds, de Mato Grosso do Sul; os parakanas, do Pará; os xoklengs, do Espírito Santo; os potiguaras, da Paraíba; os avá-canoeiros, que vivem a 200 km de Brasília; e os guaranis, de Itaipu.

"Sem terra, o índio fica triste, vai esquecendo a sua língua e começa a falar com a língua emprestada do branco. Sem terra, o índio perde a memória de seu povo e não tem onde plantar, onde caçar, pescar, buscar ervas, fazer suas festas, sua religião. Ele fica abandonado e vai morrendo, se suicida", diz o cacique caiowa Zeferino, presidente da organização Aty-Guasu, sobre o suicídio de integrantes da sua tribo, da região de Dourados (MS). "O índio gosta de cobra, de jacaré, de peixe. Não fomos nós que destruímos as florestas de Mato Grosso e da Amazônia. Foram os fazendeiros", denuncia Severo Maguaco, que luta pela volta de cerca de 400 guacos expulsos da aldeia Lagoa Uberaba, em Bela Vista do Norte, Mato Grosso do Sul. Os 13 mil hectares da aldeia estão atualmente ocupados pelo Exército, que só permite a permanência de 50 índios.

Em reunião realizada entre 28 e 30 de março, em Campo Grande, 102 lideranças dos povos terena, guarani, caiowa, ofayé-xavante e guaco traçaram os contornos de um quadro sombrio da situação dos índios do Estado de Mato Grosso do Sul. Segundo afirmam, tribos inteiras estão engordando a população das favelas de Campo Grande e é comum encontrar comunidades indígenas acampando na beira das estradas, porque foram expulsas de suas terras por garimpeiros. Em fevereiro, 150 índios foram expulsos da aldeia Guasuty, levados para a reserva Limão Verde. Quatrocentos índios foram despejados da aldeia Pirajuaia, em Bela Vista, fronteira com o Paraguai. A reserva Jaguery, no município de Amambal, está "guardada" por 30 pistoleiros que não permitem a entrada dos índios. Por trás de todos esses choques, dizem as lideranças, há sempre a mão de fazendeiros e garimpeiros.